

CAPÍTULO UM

TECNOPSICOLOGIA

Os Efeitos das Tecnologias Eléctricas

A primeira vez que vi uma máquina de *fax* foi em 1972 no Centre for Culture and Technology da Universidade de Toronto, então sob a direcção de Marshall McLuhan. McLuhan queria que eu visse o novo aparelho e ficasse por perto para o caso de ser preciso traduzir alguma coisa. McLuhan estava à espera de uma mensagem do ministro francês da Cultura — o conhecido escritor André Malraux — e, é claro, planeava responder-lhe em francês. A ideia, acho eu, era também testar o sistema através do Atlântico. Malraux, ele próprio, não apareceu, mas um dos seus assistentes enviou mesmo uma mensagem de saudações em nome do ministro francês e nós respondemos-lhe. Lembro-me de não ter ficado desapontado por Malraux não ter aparecido, porque a minha atenção estava completamente dominada por aquela máquina extraordinária. Parecia beijar o telefone e sussurrar-lhe uma mensagem escrita ao ouvido.

*Tecno-lag**

A mesma máquina foi usada alguns anos mais tarde por Salvador Dali. Mandou um desenho de Nova Iorque como desculpa por não poder estar presente numa conferência importante sobre Consciência Céltica para a qual tinha sido convidado como um dos principais oradores. Ao ver o *fax* de Dali e ao reflectir sobre o estatuto da assinatura do famoso pintor invejei os que tinham a sorte de poderem comprar aquela tecnologia. Para minha surpresa, passaram-se anos sem que alguém voltasse a falar de *faxes*; nem sequer ao pé de McLuhan.

Em 1985, no entanto, quem não tivesse um *fax* ou acesso a um *fax*, estaria obviamente por completo fora do contacto com a realidade. O que é que aconteceu? Porque é que levaria tanto tempo até que as pessoas percebessem que simplesmente não podiam viver sem *faxes*? Um atraso semelhante adiou os atendedores de chamadas que já estavam disponíveis e apoiados por fortes campanhas de *marketing* em meados dos anos 60. Só descolaram já no fim da década de 70. A mesma coisa aconteceu com uma tecnologia tão importante como a da televisão que, depois de ser usada esporadicamente em 1928, só saiu realmente da naftalina após a Segunda Guerra Mundial. Um atraso idêntico está actualmente a adiar a videoconferência, que tem de explodir no mercado tal como aconteceu com o *fax*.¹

É claro, há sempre uma explicação de fundo ou tecnológica para tudo. A explicação para o atraso tecnológico do *fax* foi o facto de, no início dos anos 70, os sistemas telefónicos internacionais não estarem prontos para suportar mais uma carga. Entretanto, os japoneses, que tinham um interesse es-

* *Lag* como em *Jet Lag*, o efeito geral de indisposição provocado pelas viagens aéreas de longo curso, atravessando vários fusos horários. (N. T.)

tratégico em encontrar formas de comunicar o seu difícil sistema de escrita, haviam centrado a investigação e desenvolvimento na melhoria da tecnologia do *fax*. Reduziram-lhe a exigência de sinal e fizeram baixar o preço. Mas isto é só metade da história. A outra parte diz que mesmo a melhor e mais útil tecnologia do mundo não pode impor-se a um público não preparado. Porque pode não haver espaço para ela na nossa psicologia colectiva. Pelo menos por enquanto.

Tecnofetichismo

Por outro lado, quando as tecnologias de consumo são finalmente integradas na nossa vida podem gerar uma espécie de obsessão fetichista nos utilizadores, algo a que McLuhan chamou «a narcose de Narciso». Na verdade, parecemos querer que as nossas máquinas, seja um carro ou um computador, sejam dotadas de poderes muito superiores ao uso que delas podemos fazer. Embora poucos de entre nós considerassem seriamente a hipótese de se tornarem corredores de automóveis e muito menos a possibilidade de treinar, queremos que o nosso Toyota tenha uma velocidade máxima equivalente ao dobro da velocidade-limite na auto-estrada. O fotógrafo amador pode não colocar a hipótese de carregar as compras da loja para casa, mas preferirá de boa vontade carregar o peso do equipamento, mesmo durante uma subida à montanha, a ser encontrado sem o último produto da Nikon ou da Minolta. A partir do momento em que mexem com os computadores, as nossas crianças desenvolvem uma espécie de vício que as faz berrar e espernear se os seus programas favoritos demoram mais do que um nanossegundo a entrar.

Num fenómeno onde outros observadores culturais poderiam ter encontrado forças de *marketing*, McLuhan viu um padrão puramente psicológico de identificação narcísica com

o poder dos nossos brinquedos. Eu vejo-o como a prova de que estamos de facto a tornar-nos *cyborgs* e de que, à medida que cada tecnologia estende uma das nossas faculdades e transcende as nossas limitações físicas, desejamos adquirir as melhores extensões do nosso corpo. Quando compramos um sistema de vídeo caseiro, queremos que ele cumpra todas as funções possíveis, não porque alguma vez as vamos usar, mas porque nos sentiríamos limitados e inadequados sem elas.

Esta é provavelmente uma aproximação saudável, não patológica. De facto, sugere que somos perfeitamente capazes de integrar dispositivos na nossa identidade, certamente no nosso corpo. Uma tal capacidade prepara o terreno para o desenvolvimento necessário de uma nova psicologia que esteja mais bem equipada para lidar com o mundo que temos pela frente. De momento, reagimos com demasiada cautela e muito lentamente. Alguns de entre nós estão dispostos a levar a maquilhagem psicológica característica dos camponeses do século XIX para o século XXI. Os nossos sistemas políticos e de educação estão a arrastar-se muito atrás da nossa tecnologia e do nosso *marketing*, eles próprios padronizados de acordo com critérios suficientemente bons para fazer funcionar empresas comerciais, mas pouco adequados para lidar com os valores e problemas em mudança no mundo.

Tecnopsicologia

É um truísmo dizer que não sentimos saudades do que não conhecemos e outro dizer que a publicidade cria necessidades que não existiam antes. Banalidades como estas baseiam-se na pressuposição inquestionada de que todos os homens e mulheres foram criados não só semelhantes como iguais de uma vez por todas e para sempre. Nada podia estar mais longe dos factos da vida. Estamos para sempre a ser feitos e re-

feitos pelas nossas próprias invenções. O mito do denominador comum da universalidade humana é apenas um produto do filosófico «pensamento desejanter» do século XIX.

A nossa realidade psicológica não é uma coisa «natural». Depende parcialmente da forma como o nosso ambiente, incluindo as próprias extensões tecnológicas, nos afecta.

Uma boa forma de compreender a psicologia, como facto da vida e como ciência, é propondo que o seu objectivo seja fornecer uma interpretação abrangente e auto-actualizável das nossas vidas, à medida que estas vão sendo influenciadas pelo meio cultural em mudança. Assim, entre as suas muitas funções reguladoras, o papel da psicologia pode ser o de interpretar e integrar os efeitos da tecnologia nos sujeitos. Uma das funções da nossa psicologia individual é criar uma ilusão de continuidade quando há quebras culturais e tecnológicas importantes e, deste modo, retardar os efeitos do *feedback* tecnológico no nosso sistema nervoso. Se não tivéssemos uma qualquer forma de ambiente estabilizador pessoal, estaríamos num estado de choque permanente causado pelo trauma cultural das novas tecnologias. Seríamos como Chancy Gardiner, a personagem principal do romance de Jerzy Kosinski, *Being There*. Depois de ter vivido toda a sua vida de adulto em frente à televisão, Chancy sai à rua pela primeira vez e descobre, para seu profundo espanto, que, por uma razão inexplicável, o controlo remoto já não funciona.

A «tecnopsicologia» é o estudo da condição psicológica das pessoas que vivem sob a influência da inovação tecnológica. A tecnopsicologia pode ser ainda mais relevante agora que existem extensões tecnológicas para as nossas faculdades psicológicas. A tecnopsicologia pode ser, para os investigadores da cultura e psicologia, o campo de actividades das psicotecnologias.